

desenvolvera economicamente com a folga permitida pelo imperialismo, ainda abalado pela crise, sentiu-se também ameaçada pelo avanço democrático, pelas formas de organização que o proletariado apresentava e pelas crescentes reivindicações econômicas e políticas apresentadas no decorrer da luta. A formação da Aliança Nacional Libertadora e a atração que ela começou a exercer nos meios militares alarmou o imperialismo e o latifúndio e levou a burguesia a aliar-se com eles para deter aquele avanço. A conjuntura internacional assinalava a ascensão das formas direitistas e ditatoriais geradas no bojo da crise do capitalismo: Salazar vinha dominando Portugal, sob a proteção do imperialismo, que financiara a tomada do poder, na Itália, por Mussolini, e lhe permitira consolidar-se, a ponto de lançar-se na aventura africana; em 1933, finalmente, o partido nazista de Hitler empolgara o poder, na Alemanha. Tratava-se, aqui, de seguir receita amarga, e por isso surgira o integralismo, cujo palavroso e falso apelo ao nacionalismo embalava os incautos. O tratamento dado aos assalariados era duro: inclusive na imprensa⁽³¹⁰⁾.

Foi esta intensamente utilizada, então, para estabelecer o pânico indispensável à solução salvadora; tinha, agora, pelo seu desenvolvimento técnico, todas as condições para isso. Foi a primeira das grandes campanhas nacionais — a do movimento constitucionalista ficara limitada ao Estado de São Paulo — a que a imprensa brasileira se entregou. Ao lado dessa arma terrível, o terror foi também empregado, em doses crescentes: “Um jornalista imperava na cidade. Era Aparício Torelly, o popular ‘Barão de Itararé’, à frente de valente equipe, no *Jornal do Povo*. Anunciou dez reportagens sensacionais sobre a vida de João Cândido. Saíram duas. Na terceira, o conhecido homem de imprensa foi seqüestrado por oficiais da Marinha e conduzido para a Barra da Tijuca, onde sofreu vexames. Foi por isto, certamente, que o ‘Barão’ mandou escrever, na porta da redação: — ‘Entre sem bater’ ”⁽³¹¹⁾. As violências policiais foram se transformando em rotina. A Aliança Nacional Libertadora foi fechada. Em fins de novembro de 1935, irrompia o levante, quase puramente militar, prontamente reprimido, instalando-se, então, o terror aberto, sistemático, pródigo em torpezas⁽³¹²⁾. A imprensa empresarial criou as condições para o desencadeamen-

(310) “Levado por Maurício de Lacerda para trabalhar no *Jornal do Brasil*, onde o conde Pereira Carneiro, conde por obra e graça do Vaticano, tirou-me a pele da carne, pagando 100 cruzeiros por mês para ficar na redação das 8 horas da noite às 4 da madrugada, aproveitava as horas de folga para ler as coleções antigas” (Edmar Morel: *A Revolta da Chibata*, 2ª ed., Rio, 1963, pág. 13).

(311) Edmar Morel: op. cit., pág. 13.

(312) Onde o movimento durou dois dias, em Natal, apareceu, a 27 de novembro, *A Liber-*